

VINHO AÇORIANO NA LISBOA DO FINAL DO CONSULADO POMBALINO

por
FERNANDO CASTELO-BRANCO

Escassa deve ter sido — e supomos continua a ser — a presença de vinhos açorianos no continente. Os portugueses do continente, noutros tempos, pouco terão consumido vinhos oriundos deste arquipélago e hoje, exceptuando o vinho do Pico, como aperitivo, o mesmo deve continuar a suceder.

Que tal se verifique parece-nos explicável. Desde o Minho ao Algarve, quantas variedades de vinhos e quantos excelentes vinhos não se produzem no continente? Isso explica não se importarem vinhos de tão longe.

Mas dir-se-á: em certas épocas beberam-se nos banquetes e entre as classes abastadas bastantes vinhos franceses. Tal é compreensível: a moda e o gosto por tudo que era francês, o alto apreço social atribuído ao que tinha origem nas Gálias, a par da qualidade dos vinhos franceses e da escassa difusão e prestígio de vinhos portugueses, que hoje gozam de justo prestígio, explicam e justificam essa situação.

O Padre António Cordeiro, na sua *História Insulana*, publicada na segunda década de setecentos, refere-se ao vinho do Pico nos seguintes termos: «o maior fruto, e mais célebre desta grande ilha do Pico é o seu muito e excelente vinho, e quantas mil pipas dê cada ano, bem se colhe, que de tal ilha se provêm

em grande parte as outras ilhas, as armadas, e frotas, que a ela vão, os estrangeiros que o vão buscar, o muito que vai para o Brasil, e também vem para Portugal, e a razão deu já o antigo Frutuoso¹ dizendo que o vinho do Pico não só é muito, mas justamente o melhor»².

Deste depoimento conclui-se que devia ser a exportação para o continente a menos volumosa e, sendo esse vinho o melhor, decerto acontecia o mesmo com o vinho das outras ilhas.

O quadro que o Dr. Hélder Lima traça do comércio de vinho açoriano até ao final do século XVII, quadro fundamentado em ampla e sólida pesquisa documental, é coincidente: só uma pequena parte do vinho açoriano deveria ser enviado para o continente³.

Infelizmente, até hoje, salvo erro, não foi feita uma pesquisa sobre os vinhos bebidos em Portugal em épocas passadas. Além disso, as fontes não devem ser muito abundantes. Por isso parece-nos revestir-se de um interesse genérico bastante acentuado uma folha volante impressa decerto quando da inauguração da estátua equestre de D. José, em Lisboa, no ano de 1775, contendo a relação dos vinhos servidos numa das ceias integradas nas faustosas festividades então realizadas, tendo ainda o interesse particular de indicar a presença de vinho dos Açores, pois foi então servido vinho da ilha de S. Jorge.

Intitula-se essa folha volante *Lista dos Vinhos, e Licores, que servirão na cea que o Senado deo na primeira noute, em que se festejou a collocação da Estátua Equestre*. Existe um exemplar, com o título truncado, por ter sido indevidamente

¹ «Em toda a terra (ilha do Pico) há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas» — Gaspar Frutuoso, *Livro Sezto das Saudades da Terra*, cap. 14, Ponta Delgada, 1963, p. 303.

² *História Insulana das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Ocidental*, Livro VIII, cap. IX, § 62, Lisboa, 1717, p. 474. Modernizámos a ortografia.

³ *Os Açores na Economia Atlântica — Contribuição para o seu estudo nos séculos XV, XVI e XVII*, in «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», 1976, vol. XXXIV, pp. 233-240.

aparado, na colecção de Miscelâneas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra ⁴. Outro exemplar pertenceu à colecção do Dr. Jorge de Faria, tendo figurado na Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Documental relativa à Estátua Equestre promovida pela Câmara Municipal de Lisboa em 1938 ⁵. Deve hoje encontrar-se na Faculdade de Letras de Coimbra.

Por esta relação verifica-se terem sido servidos numerosos vinhos franceses, espanhóis, italianos, alemães e portugueses. E, por entre estes últimos, figura vinho da ilha de S. Jorge. Que significado dar à presença deste vinho, à circunstância de ser esse o único vinho açoriano servido na referida ceia?

Os vinhos servidos devem ter sido os que existiam no mercado de Lisboa nessa altura e cuja qualidade levou a considerá-los dignos de serem bebidos na faustosa ceia. Não nos parece provável terem sido encomendados especialmente. Os vinhos estrangeiros, vindos de tão longe — França, Itália, Alemanha — teriam exigido encomendas feitas com larga antecedência, o que julgamos improvável, e o vinho açoriano, não sendo o melhor que o arquipélago produzia, indica não ser decerto proveniente de uma encomenda. Portanto, parece-nos ser de concluir existirem vinhos açorianos no mercado de Lisboa cerca de 1775 e, conseqüentemente, serem bebidos pelos lisboetas e serem servidos nas suas festas. Nesse ano, regista-se a presença de vinho de S. Jorge talvez por nessa ilha ter sido, no ano anterior, muito abundante a produção vinícola ⁶.

⁵ *Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Documental relativa à Estátua Equestre*, Lisboa, 1938, p. 27, n.º 165.

⁴ Volume 670, n.º 10.803.

⁶ Padre Manuel de Azevedo da Cunha, *Notas Históricas — II - Anais do Município da Calheta (S. Jorge)*, recolha, introdução e notas de Artur Teodoro de Matos, Ponta Delgada, 1961, p. 724.